

APRESENTAÇÃO DOS GTS E DOS COORDENADORES - GT-11
(PRESENCIAL): POÉTICAS AMEFRICANAS: ENSINO E QUESTÕES
ÉTNICO-RACIAIS

**O INDIANISMO BRASILEIRO DO SÉCULO XIX E A PRODUÇÃO LITERÁRIA
INDÍGENA DO SÉCULO XX: CONFRONTO E PERSPECTIVAS**

Roney Teixeira Constantino Leque (roneyteixeira47@gmail.com)

Este trabalho procura confrontar o indianismo do romantismo brasileiro com a representação

dos povos originários feitos pelos próprios indígenas na contemporaneidade. A obra O Guarani

(1857), de José de Alencar, é um marco do indianismo romântico brasileiro, movimento que

buscou construir uma identidade nacional pós-independência (1822) através da exaltação do

indígena como herói fundador. Alencar, um dos principais expoentes do Romantismo no Brasil,

retrata Peri, protagonista indígena, como símbolo de valores como lealdade, pureza e submissão

ao colonizador, cristalizando uma visão idealizada que omitia conflitos reais e a escravidão

negra. Alencar, além de escritor, foi político conservador e defensor da monarquia. Suas obras,

como *O Guarani*, *Iracema* e *Ubirajara*, misturam nacionalismo e influências europeias,

especialmente do Romantismo francês. Em *O Guarani*, Peri, um indígena da tribo Goitacá,

salva Cecília, filha de um fidalgo português, dedicando-se a protegê-la. A narrativa enfatiza a

natureza brasileira como cenário sublime e a servidão de Peri, que renega sua cultura para se

tornar cristão. A obra simboliza a mestiçagem harmoniosa, mas ignora violências coloniais,

reduzindo o indígena a um "bom selvagem" submisso. A devoção de Peri a Ceci reflete a

hierarquia social, em que aceita ser "escravo", enquanto combate indígenas rivais, retratados

como "selvagens". Sua conversão ao cristianismo, no batismo por D. Antônio de Mariz,

simboliza a assimilação cultural forçada. Antonio Candido (2000) aponta que essa

representação fictícia permitiu a Alencar moldar o indígena conforme ideais europeizados,

reforçando uma identidade nacional baseada na submissão e na negação de conflitos étnicos. O

Guarani reflete as contradições do projeto nacional brasileiro, ao mesmo tempo em que busca

afirmar uma identidade autêntica, reproduzindo estereótipos coloniais e apagando resistências.

A obra de Alencar, embora fundamental para a literatura nacional, e presente no cânone da

literatura brasileira revela como o indianismo serviu a interesses políticos conservadores,

mascarando desigualdades sob uma narrativa de harmonia racial. A crítica contemporânea,

como a de Stuart Hall (2006) sobre com as nações são "comunidades imaginadas", ajuda a

desconstruir mitos como os de Alencar, destacando a necessidade de revisões históricas que

incluam vozes marginalizadas. Em contraponto com essa representação sobre indígenas, na

contemporaneidade temos a voz e produção dos próprios escritores indígenas. A literatura

indígena brasileira constroi uma visão sobre a colonização que denuncia a violência, reclama

pela inclusão da identidade indígena dentro do narrativa da nação e explora toda uma

cosmovisão proveniente dos povos originários. Nomes como Denilson Baniwa, Ailton Krenak

e Eliane Potiguara descrevem em suas obras, suas vivências a partir do seu local de fala. Eliane

Potiguara afirma que a literatura indígena é para todos que compartilham dos sentimentos e das

ideias que os povos originários compartilham. Em sua obra *Metade cara, metade máscara*

constroi uma visão sobre os povos indígenas e colonização que confrontam projetos indianistas

do passado e do presente.

Palavras-chave: indianismo; povos originários; alencar; eliane potiguara.